

GEORROTEIRO PARA A TRILHA DO CASTELINHO - PETRÓPOLIS (RJ)

Ana Carolina Marques Correa Monken Vieira^{1, x}, Allan Galvão Zaparoli Arantes²,
Fernando Amaro Pessoa²

(¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier - 524, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, 20550-900, BR. ²Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rua do Imperador - 971, Centro, Petrópolis, RJ, 25620-003, BR.

^xAutor de correspondência: anamcmv@outlook.com)

RESUMO

Para a implementação de um geoturismo harmônico, pautado na devida apreciação e preservação de todo um ecossistema existente em dada localidade, o presente trabalho fornece a criação de um georroteiro, por meio do aplicativo de referência geográfica Wikiloc. O percurso foi criado na trilha do Castelinho, localizado no município de Petrópolis e nos limites do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Região Serrana do Rio de Janeiro. A área de estudo demonstra grande potencial para a implementação de um georroteiro capaz de fornecer o estabelecimento de uma atividade geoturística na localidade, além de possivelmente contribuir para a manutenção e preservação da Unidade de Conservação, uma vez servindo de aparato educacional e recreacional tanto para profissionais da área quanto para visitantes de natureza puramente recreativa, portanto, sendo pertinente para fins de análise como uma proposta passível de agregação em relação ao campo educacional ou recreacional.

Palavras-chave: Ecoturismo; Georroteiro; Geoturismo;

INTRODUÇÃO

Em um primeiro ponto, para desenvolver-se em uma temática em torno de um georroteiro, cabe-se, previamente, compreender as razões pelas quais tal recurso pode ser pertinente à sua elaboração. Tendo isso em consciência, vale abordar a conceituação de geoturismo, o que pode-se entender como uma atividade em que seus adeptos visam conhecer melhor as características geológicas e geomorfológicas do meio, sendo esse, o foco principal da viagem (MOREIRA, 2010). Por este viés, pode-se conceber o geoturismo como um ramo das demais atividades turísticas que tenham como foco o ambiente natural e o usufruto, independente da maneira, do meio, tais como ecoturismo e turismo de aventura, por exemplo. Porém, embora dotado de diversas outras especulações sobre sua definição, o geoturismo aqui trabalhado, apoia-se na composição geológica em sua máxima complexidade, com ênfase nos processos em curso ou já ocorridos no ambiente e passíveis de alguma análise dos produtos bióticos e abióticos da paisagem (NEWSOME & DOWNLING, 2006). No entanto, para que tal atividade ocorra, torna-se consensual dispor de meios para que seu funcionamento exista harmonicamente. Por este espectro, é cabível a implementação da geoeducação, por exemplo, como uma forma de exposição da geodiversidade local que uma determinada área pode prover proporcionando dessa maneira, um repasse de informação pertinente e interessante aos interessados neste ramo de estudo. Neste sentido, pode-se entrar, como meio para tal, a existência de georroteiros, os quais caracterizam-se por rotas circundadas por áreas de natureza geológica ou geomorfológicas de valores excepcionais, comumente acessadas por meio de trilhas que permitam o visitante explorar e descobrir a potencialidade geoturística do local (HOSE, 2020). Assim, visando uma exploração e aplicação, com base no conceito anteriormente dito, convencionou-se formular um georroteiro para a trilha do Castelinho, localizada na Região Serrana do Rio de Janeiro, especificamente no bairro do Morin, Petrópolis. A trilha em foco, pertencente ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), chama-se popularmente Castelinho ou Meu Castelo, podendo também ser chamada de Pedra da Boa Vista, Morin ou Castelo do Morin (SANTOS *et al.*, 2021). Segundo o Guia de Trilhas de Petrópolis (NETO, 2008), a trilha possui 2,6 km de percurso quando percorrida na via tradicional e 1.245 m de altitude em seu cume, levando cerca

de 40 minutos de caminhada até o seu topo. No trajeto aqui trabalhado, foi-se traçado um roteiro com uma totalidade de 5,75 km, considerando um percurso de ida e a volta em uma trilha circular e exploratória, ou seja, subindo por um caminho mais longo, contemplando os pontos demarcados no trajeto, e voltando pelo caminho convencional, chegando, ao fim, no mesmo lugar de início.

Vale considerar que, por tratar-se de uma trilha urbana de grande conhecimento pela população local, é usada majoritariamente como uma atividade de cunho recreativo. Porém, apesar de uma área pertencente ao domínio do PARNASO, a mesma carece de estruturas adequadas para uma melhor recepção do visitante, notando-se a falta ou mau estado de sinalizações e informações acerca da trilha. Contudo, cabe também ressaltar que, o Castelinho foi abrangido pelo PARNASO na expansão de 2008, conjuntamente ao setor Serra da Estrela, o que o torna um “novo” integrante na Unidade, considerando a criação do parque em 1939. Ainda por essa perspectiva, convém também adicionar que, de acordo com o zoneamento atual, a trilha encontra-se em uma zona extensiva, ou seja, permite seu uso turístico e educacional, portanto, pertinente para atividades geoturísticas e correlatas. Neste sentido, o objetivo deste artigo é proporcionar um georroteiro de uso público, propiciando uma maior acessibilidade àqueles interessados nas atividades contempladas pelo roteiro criado e proposto neste trabalho.



Figura 1: Trechos da Trilha do Castelinho.



Fonte: acervo pessoal

Portanto, com base no exposto, a circunscrição aqui elaborada visa propor e demonstrar a aplicação de um georroteiro para a trilha do Castelinho, buscando trabalhar suas potencialidades passíveis de contemplação e fomentação da atividade geoturística da localidade. Ainda por esse caminho, servir como base de estudos para pesquisadores de geografia, turismo e áreas afins, servindo também como recurso de utilidade pedagógica para atividades educacionais, como a geoeeducação, por exemplo. Além de serventia para entusiastas de turismo de aventura, sejam estes focados na atividade esportiva, seja no interesse de contemplação das formações naturais bióticas e abióticas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a confecção deste artigo, apoiou-se em primeiro lugar em uma revisão da literatura existente sobre a localidade, as quais serviram como alicerce crucial para um entendimento acerca da temática, além dos impactos gerados pelas atividades antropológicas no trecho que leva ao Castelinho. Por conseguinte, foi-se realizada uma visita de campo, a qual dividiu-se nas seguintes fases: fase 1-) identificação dos elementos; 2 -) registro na plataforma de referenciamento geográfico *Wikiloc*, a qual funciona como um aplicativo de orientação geográfica e também para o registro de percursos feitos, proporcionando também, anotações e fotos que ajudam na atividade realizada, portanto, assumindo-se como um recurso pertinente para a formulação do proposto georroteiro aqui abordado. Com intento de melhor destrinchar o ambiente e tornar o percurso construtivo no quesito informação, estabeleceu-se marcações ao longo do trajeto, suscetíveis a atenções particulares, tendo como objetivo oferecer pontos de instrução direcional e apreciação de formações naturais existentes ao longo do roteiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO







Observa-se que, ademais de não caracterizado como integrante de um Geoparque, institucionalizado por excelência, o que, normalmente contribui para o surgimento de georroteiros (STOLZ & MEGERLE, 2022), estes também podem ser desenvolvidos em áreas inseridas em Unidades de Conservação, por exemplo. A localidade em si, possui sim um conteúdo apto a contemplações de cunho geoturístico, com variadas formações rochosas, além da observação da “paisagem fluminense, a baixada da Guanabara e os maciços costeiros do Rio de Janeiro ao sul [...], como o Corcovado e o Pão de Açúcar, e ao lado norte a cidade de Petrópolis, com alguns bairros residenciais” (SANTOS *et al.* 2021), o que demonstra-se de grande potencial turístico, tanto o próprio percurso, quanto a paisagem que proporciona.

Nesse sentido, tal como (PESSOA *et al.* 2023), o qual trabalha em sua obra a elaboração de conteúdo para interpretação ambiental a partir de um georroteiro também situado no PARNASO, decidiu-se no presente trabalho expandir para outras áreas do Parque. Ao longo da trilha do Castelinho foi-se demarcando pontos de interesse contemplativo ou informacional ao longo do trajeto para a elaboração de um georroteiro. Para tal, elaborou-se uma tabela com os 21 locais de interesse da geodiversidade local inventariados, juntamente com fotos ilustrativas, elevação, latitude, longitude e texto explicativo acerca de cada um dos locais. A mencionada tabela pode ser observada abaixo.


Tabela 1: Locais de interesse da geodiversidade na trilha do Castelinho


Georroteiro Trilha Castelinho					
PARNASO- Petrópolis					
Locais de interesse	Fotos Ilustrativas	Elevação (m)	Latitude	Longitude	Texto explicativo
					

Início		929	-22.529772	-43.162293	O percurso para o cume do morro do Castelinho ou Meu Castelo começa nesse ponto, próximo ao ponto final do Lagoinha. O caminho é muito acidentado e não é alcançado por qualquer carro, dá acesso à Pista de voo do Morin e
Início da trilha		1,030	-22.533145	-43.162215	A Trilha em si começa nesse ponto, ao lado de um largo utilizado como estacionamento. Seu início é marcado por uma placa que sinaliza que a trilha pertence ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos.
Caminho de paralelo		1,075	-22.535323	-43.161882	Caminho de paralelo que evidencia outros tipos de uso anteriores à incorporação da área ao PARNASO.
Mirante		1,086	-22.535783	-43.16213	Mirante em bloco de rocha com vista para a urbanização e ocupação territorial de Petrópolis.
Bifurcação Represa		1,117	-22.53639	-43.161128	Início do desvio que leva até a represa
Represa		1,108	-22.53729	-43.161598	Represa utilizada para captação de água, com vista privilegiada para os fragmentos florestais do local.
Bifurcação do Caminho		1,130	-22.538092	-43.158528	Bifurcação que separa o caminho em uma versão mais longa e uma mais curta.
Riacho (caminho superior)		1,200	-22.540613	-43.156118	Trecho do mesmo rio que forma a represa mais abaixo. Cabe destacar que é um rio que faz parte da Região Hidrográfica da Baía de Guanabara. Assim, um rio no local próximo ainda às nascentes, mas que possui longo percurso, descendo a serra até a baixada da Guanabara.

Locais de interesse	Fotos Ilustrativas	Elevação (m)	Latitude	Longitude	Texto explicativo
Subida íngreme em rocha		1,208	-22.541547	-43.156985	Subida em rocha que marca nítida transição na paisagem, quando a trilha sai de um ambiente florestal para um ambiente de afloramentos rochosos expostos.
Segunda subida íngreme em rocha		1,220	-22.541835	-43.157228	Trecho mais técnico desse georroteiro, apresentando desnível considerável.
Vista panorâmica		1,223	-22.542262	-43.157973	Primeiro ponto da trilha com vista panorâmica. Olhando para trás é possível avistar as torres do Morin, enquanto à frente se encontra o cume do Castelinho. Na direita é possível visualizar o caminho de descida desse georroteiro e à esquerda à baixada fluminense.
Vista do cume		1,242	-22.542262	-43.157973	Local de onde já é possível observar os blocos de rocha que formam o Castelinho.
Bifurcação- Encontro subida e descida		1,246	-22.542452	-43.159213	Ponto em que os caminhos de subida e descida deste roteiro se encontram.
Caminho entre rochas		1,242	-22.542532	-43.159335	analisar como os processos de intemperismo físico e químico agem em certa estrutura ao longo do tempo geológico.



Pedra da lua		1,245	-22.542675	-43.15959	Local panorâmico para a Baixada da Guanabara, Região Metropolitana do Rio de Janeiro e seus maciços costeiros (Tijuca, Pedra Branca e Mendanha). O nome refere-se às deformações existentes na rocha, decorrentes do seu desgaste (intemperismo) pela ação da água, principalmente.
Meu Castelo/Castelinho (cume)		1,253	-22.542748	-43.161422	O nome Meu Castelo – Castelinho – deve-se à curiosa formação do cume (1.245 metros de altitude), parecido com um castelo de pedras. Ele é formado por blocos de granito com até 6 metros de altura, esculpidos pela ação da chuva e do vento.
Bifurcação - Início da descida		1,246	-22.54245	-43.159233	O início da descida começa no ponto de encontro entre os caminhos de subida e descida se encontram.
Vista Panorâmica Urbana		1,185	-22.539937	-43.15901	Neste local é possível observar a dinâmica urbana da cidade de Petrópolis e sua complexidade, permitindo discussões acerca do relevo serrano e desastres ambientais.
Riacho (caminho inferior)		1,155	-22.538418	-43.158388	Outro trecho do mesmo riacho que foi atravessado na subida.
Bifurcação - Encontro subida e descida		1,130	-22.538143	-43.158565	Bifurcação que separa os caminhos de subida e descida.

Locais de interesse	Fotos Ilustrativas	Elevação (m)	Latitude	Longitude	Texto explicativo
Fim		939	-22.52985	-43.1623	A jornada foi concluída.

Fonte: desenvolvida pelos autores.

Após a sistematização dos pontos demonstrados na tabela acima, foram-se acrescentadas as informações obtidas, ao percurso organizado no wikiloc, formando, desta maneira, um georroteiro de acesso público que poderá ser utilizado para diversos fins conforme a escolha de cada usuário. Podendo ser acessado e compartilhado pelo link [Trilha Georroteiro Castelinho](#)

Figura 2: Georroteiro para a trilha do Castelinho.



Fonte: acervo pessoal. Disponível em: [Trilha Georroteiro Castelinho](#)

A utilização de uma plataforma interativa para divulgação das informações geradas facilita sua divulgação, além da possibilidade das informações serem editadas conforme o avanço dos conhecimentos sobre as características socioambientais da trilha e suas paisagens. Ademais, para além das considerações aqui ressaltadas, cabe também, para atuar em conjunto ao proposto, uma eficaz implementação de aparatos de cunho informativo que possam ser adicionados fora ou ao longo da trilha, tais como placas de sinalização acrescidas de conteúdos informacionais acerca dos elementos presentes na área, ou pequenas placas contendo um *QR Code*, o qual funcionará como uma ferramenta de direcionamento para o georroteiro ou para acréscimos de informações, porém, claro, objetivando sempre o menor impacto ambiental possível, dentro das condições existentes.

CONCLUSÃO

À vista do exposto no presente trabalho, nota-se que a trilha do Castelinho possui uma grande carga de atributos que proporcionaram a consideração e a elaboração, de fato, de um georroteiro. Em decorrência de sua significância e popularidade para a população local, observa-se que a trilha dispõe de uma grande quantidade de visitantes com intuito recreativo e educativo, mesmo embora não tenha aparatos turísticos ao redor, possuindo apenas suas características naturais que atraem os mais diversos visitantes.

Torna-se também pertinente dizer que, iniciativas, tais como a aqui proposta, acabam por colaborar com a gestão do Parque e com o uso dos espaços de interesse público, uma vez que ajuda como aparato educacional de instrução, tanto para profissionais da área, quanto para visitantes que tiveram como interesse instruir-se acerca da rota a ser traçada e desfrutada, seja para fins pedagógicos, seja para fins recreacionais. Nesse sentido, em concomitância com a gestão do parque e a consequente preservação da UC, fornecer este tipo de alternativa, pode ajudar na propagação da informação acerca da bio e geodiversidade do parque e seu ecossistema como um todo, causando uma maior conscientização e sensação de pertencimento ao local, o



que, por vez, possivelmente acarretará no incremento da conservação da trilha.

Além disso, vale dizer que o georroteiro também pode funcionar como uma forma de orientação mais pertinente, ou seja: uma maneira de manter a trilha sempre em bom estado, sem que seja necessário abrir novos caminhos por visitantes que, porventura, venham a se perder ou que simplesmente desconhecem as normativas do parque, ajudando, portanto, na diminuição de diferentes impactos.

REFERÊNCIAS

PESSOA, F. A. et al. **Diálogos sobre Geodiversidade, Montanhismo e Interpretação Ambiental: os caminhos da Travessia da Serra dos Órgãos (RJ)**. Turismo, Sociedade & Território, v. 5, n. 1, 2023.

HOSE, T. A. Geotrails. In: *The Geotourism Industry in the 21st Century*. Apple Academic Press, 2020. p. 247-275.

MOREIRA, J. C. **Geoturismo e interpretação ambiental**. Editora UEPG, 2014. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/v4ddr>. Acessado em Março de 2024.

NETO, W. **Guia de Trilhas de Petrópolis**. Rio de Janeiro. 2008.

NEWSOME, D.; DOWLING, R. **The scope and nature of geotourism**. In: Geotourism. Routledge, 2006. p. 3-25.

SANTOS, B. C. dos *et. al.* **Meu castelo ou castelinho? Um estudo sobre a toponímia associada à geodiversidade da trilha do Parque Nacional da Serra dos Órgãos**. 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/FernandoPessoa/publication/359659197_MEU_CASTELO_OU_CASTELINHO_UM_ESTUDO SOBRE A TOPONIMIA ASSOCIADA A GEODIVERSIDADE DA TRILHA DO PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ORGAOS/links/6247014d8068956f3c5ffc8c/MEU-CASTELO-OU-CASTELINHO-UM-ESTUDO-SOBRE-A-TOPONIMIA-ASSOCIADA-A-GEODIVERSIDADE-DA-TRILHA-DO-PARQUE-NACIONAL-DA-SERRA-DOS-ORGAOS.pdf. Acessado em Março de 2024.

STOLZ, J.; MEGERLE, H. E. Geotrails as a medium for education and geotourism: Recommendations for quality improvement based on the results of a research project in the Swabian Alb UNESCO Global Geopark. **Land**, v. 11, n. 9, p. 1422, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2073-445X/11/9/1422>. Acessado em Março de 2024.